

# A prática de ensino em teoria da comunicação: um estudo a partir de experiências docentes<sup>1</sup>

Luís Mauro Sá Martino

*Doutor em Ciências Sociais pela PUC-SP. Professor da Faculdade Cásper Líbero, da Faculdade Paulus de Comunicação, Cursos de Comunicação e da Fundação Escola de Comércio Álvares Penteado.*

*E-mail: lmsamartino@gmail.com. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-5099-1741>.*

**Resumo:** Como alguém se torna docente de Teoria da Comunicação? Este texto delinea algumas das condições a partir das respostas de 37 docentes a um questionário online. Foi possível observar três aspectos principais: (1) a maior parte dos respondentes assumiu a disciplina por acaso ou determinação institucional, sem necessariamente aderência ou afinidade de pesquisa; (2) a formação ficou, majoritariamente, a cargo de cada docente; (3) há uma dicotomia entre ensino e pesquisa, com poucas referências às investigações realizadas por docentes. Esses elementos são discutidos contra o pano de fundo da bibliografia sobre ensino de Comunicação.

**Palavras-chave:** teoria da comunicação; ensino; comunicação; universidade; formação.

**Abstract:** How one become a communication theory teacher? Based on the responses of 37 faculty members to an online questionnaire, it was possible to observe three main aspects regarding the paths, choices, and contingencies in teaching the discipline: (1) most respondents (34) took the discipline by chance or institutional determination; (2) most of the training was carried out by individuals; (3) there is a dichotomy between teaching and research is observed, with few references to research. These elements are discussed against the bibliography on Communication teaching.

**Keywords:** communication theory; teaching; communication; university; training.

1 Uma versão inicial deste texto foi apresentada no GP Teorias da Comunicação, XX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Este trabalho é parte de um projeto de pesquisa realizada com apoio do CNPq, processo nº 305133/2022-5. Gostaria de expressar um agradecimento às pessoas responsáveis pelos pareceres iniciais por sua contribuição ao trabalho.

**Recebido:** 18/08/2025

**Aprovado:** 24/10/2025

## 1. INTRODUÇÃO

De que maneira alguém inicia suas atividades na docência da disciplina Teoria da Comunicação? Lançada de modo inicial, a pergunta pode ser, ela mesma, objeto de questionamentos na medida que talvez não exista uma única resposta, mas todo um conjunto de trajetórias pessoais marcadas por atravessamentos do social e do político, bem como de opções de vida e, potencialmente, toda a sorte de escolhas e acasos nos direcionamentos que conduzem uma pessoa à sala de aula — e, em particular, a uma disciplina específica. As ressonâncias biográficas, do mesmo modo, estariam além de qualquer resposta que buscasse algum grau de generalização possível.

Ao mesmo tempo, um olhar mais atento poderia mostrar a necessidade dessa pergunta quando, em diálogo com estudos anteriores como os de Hickson e Stacks (1993), Costa (2003), Russi-Duarte (2010), se percebe o delineamento de especificidades ligadas a esse tipo de ensino, sobretudo em sua dimensão epistemológica, na pergunta sobre o que constitui um saber teórico da Comunicação.

Os cursos ligados à área de Comunicação são bacharelados, não licenciaturas e, portanto, sem a opção da formação de professoras e professores. Na área, não existe a figura da pessoa formada que necessariamente vá imediatamente trabalhar com o ensino e teria a opção de cursar disciplinas ligadas à Educação em sua formação. Na medida em que não são cursos voltados para o ensino, a opção pela área acadêmica — e, portanto, a entrada em sala de aula em algum momento futuro — não parece estar entre as preocupações majoritárias dos estudantes. O prestígio acadêmico da disciplina *Teoria da Comunicação*, assinala Baptista (2003), tende a ser baixo, vista por estudantes como *entulho de currículo*.

Ao mesmo tempo, a importância específica dessa disciplina como um microcosmos de questões epistemológicas e formativas da área de Comunicação tornam necessário o endereçamento de um olhar mais atento sobre ela no sentido de compreender o que se leva para as salas de aula. Como recorda Bachelard (1976), o ensino de uma ciência é um de seus fatores constitutivos fundamentais — em outros termos, no dizer de Barthes (1987), ciência é o que se ensina.

Além disso, hooks (2013) recorda a dimensão política da teoria como modo de elaboração autônoma e dialógica de uma compreensão crítica da realidade, bem como das possibilidades de mobilização e ação frente a questões mais amplas da sociedade. O ato de ensinar, em particular, é amplamente destacado pela filósofa como espaço não só de construção de um saber, mas também de afetos e ações ligadas à intersecção de formas e histórias de vida.

É tendo em mente essas questões que se formula a pergunta sobre as condições pelas quais uma pessoa se torna docente de Teoria da Comunicação: não se trata de uma dimensão biográfica, mas de trajetória de campo — sem deixar de levar em conta, evidentemente, as intersecções entre elas. É a partir dessas inquietações que se desenvolve esta pesquisa.

Este texto delinea alguns aspectos da prática docente no ensino de Teoria da Comunicação em cursos universitários da Área, focalizando as condições de início dessa atividade. A partir das respostas de 37 docentes a um questionário online, disponibilizado em algumas das principais listas de discussão da Área, Intercom e Compós, secundada por pesquisa bibliográfica, foram analisadas os caminhos, escolhas e contingências presentes na condução ao ensino da disciplina, destacando (1) a preparação prévia específica para a docência da disciplina, (2) as condições institucionais que levaram a assumir essa matéria e (3) os desafios iniciais enfrentados, bem como suas condições de continuidade. Este texto busca prosseguir estudos realizados anteriormente sobre as ementas e programas da disciplina, suas derivações político-históricas e articulações epistemológicas com o GT Epistemologia da Comunicação da Compós (Martino, 2011; 2012; 2018a; 2018b; Souza; Martino, 2025).

Vale, como ponto de partida da análise, apontar três notas referentes ao foco e limites deste texto.

Em primeiro lugar, vale trazer alguns apontamentos metodológicos — uma discussão mais ampla demandaria um texto à parte, mas não seria possível prescindir deste aspecto. Foi inicialmente formulado um questionário, aplicado online, como parte de uma pesquisa mais ampla, em desenvolvimento, sobre o ensino de Teoria da Comunicação no Brasil. Duas das perguntas desse questionário são trabalhadas neste texto: *Como você começou a lecionar essa disciplina? Houve alguma preparação prévia na área de ensino ou didática?*, secundada por outra, *De que maneira suas atividades de pesquisa (incluindo, eventualmente, a inserção em redes e grupos) se refletem na prática em sala de aula?*

Além dessas questões, foi solicitado às pessoas respondentes que, se possível, enviassem as ementas da disciplina e seus programas de ensino. Entende-se que a definição de temas, muitas vezes, passa por diversos caminhos institucionais de tomadas de decisão nem sempre imediatamente ao alcance de quem leciona — por exemplo, dependendo da instituição há maior ou menor flexibilidade para alterar programas e ementas. Na medida em que a análise desses programas, como feita em outros momentos (Martino, 2012), demanda metodologia específica, entende-se que, por razões de foco e escopo, não seria possível contemplá-la neste texto.

O questionário foi enviado para as listas de e-mail da Intercom e Compós, duas das principais entidades de pesquisa da Área de Comunicação. Além disso, foi também endereçado pessoalmente a docentes da disciplina mencionados nominalmente como tais nas páginas de todos os Programas de Pós-Graduação em Comunicação do país. Foram obtidas 37 respostas, a partir das quais se organiza esta pesquisa.

Segundo, como indicado, a prática docente de uma disciplina se situa no atravessamento de agências de campo (Bourdieu, 2017) referentes, de um lado, às condições epistemológicas de uma determinada área e, ao mesmo tempo, aos aspectos sociais e políticos, em tensionamento com questões institucionais e de mercado, presentes no ensino universitário. A docência de uma disciplina não

está, portanto, isolada de outras condições, e o foco aqui, embora restrito a um momento e uma matéria, não perde esse horizonte de vista. Nem todas as respostas estão citadas literalmente aqui: optou-se, no caso de várias respostas com sentidos semelhantes, por trazer apenas a mais completa ou representativa.

Finalmente, não há pretensão de generalização dos resultados esboçados aqui. O número de pessoas participantes do estudo, 37, está ligado a um recorte qualitativo de análise sem a busca de uma representatividade numérica em termos do número de docentes de Teoria da Comunicação. Na medida em que se tratou de uma participação voluntária mediante convite aberto em listas de discussão da Área, o número de respondentes é entendido aqui como um dado de pesquisa, na medida em que sugere as dificuldades e possibilidades — de tempo, interesse ou disposição — para o engajamento com a pesquisa, entre a vontade de debater a própria prática e as demandas quase infinitas de tempo em um mercado de trabalho. Não houve, nesse sentido, pretensão de representatividade amostral, na medida em que o direcionamento da questão, desde o início se pautou na busca de informações específicas. No sentido de estabelecer uma maior proximidade com experiências de entrevistadas e entrevistados, preservando, ao mesmo tempo, suas identidades, foram atribuídos nomes fictícios às pessoas participantes.

No que se segue, destaca-se inicialmente (1) um panorama das questões ligadas ao ensino de Teoria da Comunicação, passando-se em seguida para a análise das respostas, destacando (2) as condições de ingresso e a aderência à disciplina e (3) o valor simbólico da matéria e seu lugar institucional nas demandas para lecionar Teoria da Comunicação.

## **2. OS QUESTIONAMENTOS SOBRE O ENSINO COMO PARTE DA PRÁTICA DA DISCIPLINA**

Quando se lança uma mirada sobre os estudos a respeito do ensino de Teoria da Comunicação, um dos aspectos que parece se destacar, em termos iniciais, é sua distribuição temporal. A definição de datas fundadoras ou origens é sempre objeto de discussão, na medida em que, como lembra Bourdieu (2017), trata-se de uma disputa entre critérios de classificação. Tendo essa ressalva em mente, no caso do ensino de Teoria da Comunicação, é possível indicar o início das discussões sobre o assunto em textos de Pignatari (1971) e Lins da Silva (1979), seguindo de maneira contínua até a atualidade (Martino, 2018a).

Esses trabalhos se apresentam, de certa maneira, como uma linha descontínua, apresentando concepções, focos e pontos de vista diversos relacionados às problemáticas que se impunham à reflexão em cada momento. Parece existir, no entanto, um tensionamento contínuo, presente nesses estudos, entre duas linhas de força.

De um lado, estudos sobre o ensino de Teoria da Comunicação apontam para a necessidade de formulação de uma disciplina dotada de um dinamismo

suficiente para dar conta de um ambiente midiático em constante transformação, que desafia continuamente tanto o que seria o *cânone* da disciplina, mas também o lugar da matéria em cursos universitários (Trivinho, 2001; Felinto, 2011). O desafio pedagógico da disciplina Teoria da Comunicação seria estabelecer um diálogo crítico entre as proposições teóricas em circulação e o cenário de mídia e comunicação contemporâneo.

Por outro lado, trata-se de uma disciplina universitária, ligada aos movimentos próprios do campo acadêmico, como a definição do que será ensinado, dos enfoques e das leituras a serem programadas, e, em termos didáticos, na preocupação em trabalhar esses saberes para torná-los significativos diante de turmas de estudantes. Seria possível acrescentar ainda, neste segundo aspecto, elementos cotidianos nas questões de ensino, como o regime e as condições de trabalho docente ou as demandas de prazos e calendários e avaliações, entre outros.

A produção acadêmica sobre o ensino de Teoria da Comunicação permite recordar que, na intersecção entre as questões teórico-disciplinares e didática situa-se um sujeito docente, marcado por uma trajetória específica, formações diversas e pautado pelos atravessamentos do social que o constitui junto com sua historicidade. Trata-se, na prática, de professoras e professores que se veem, cotidianamente, nos cursos da área de Comunicação, diante de uma sala de aulas, interpeladas e interpelados pelo olhar de alunas e alunos, sujeitos discentes, na expectativa de construção dialógica de um saber intitulado *Teoria da Comunicação*, utilizando diversas estratégias para tanto (Martins; Silva, 2012; Bauman, 2023).

No entanto, existem características próprias ao ensino de Comunicação, especialmente de Teoria da Comunicação, que demandam uma atenção específica — sem deixar de lado, evidentemente, contribuições de outras áreas e disciplinas. Uma das características de constituição e delineamento das fronteiras de um campo do conhecimento é a preocupação com o ensino dos saberes nele produzidos. Pensando em termos da noção de um campo acadêmico, conforme Bourdieu (2021), um dos aspectos da definição das fronteiras simbólicas é o estabelecimento de espaços legítimos — e, de certa maneira, exclusivos — para a circulação dos saberes de uma área entre seus pares, o que significa também contribuir de maneira direta e prática para na formação de ingressantes, futuras e futuros participantes desse campo.

A existência de preocupações semelhantes em outros campos, como mostram Dau (2015) e Almeida (2016) nas Letras, Barros (2018) e Cavalcanti (2021) na História, Tavoraro (2013), Reis (2015) e Oliveira (2016) na Sociologia, ou Flor e Cassiani (2016) na Química, sugere que a questão do ensino de uma disciplina teórica, se entra em diálogo com aspectos da Educação, também se desenvolvem dentro de suas próprias fronteiras institucionais e epistemológicas.

Parece importante ressaltar, nesse aspecto, a especificidade disciplinar de Teoria da Comunicação. Nos cursos vinculados à Comunicação, essa matéria costuma estar localizada nos semestres iniciais, alocada entre as *teóricas*, *preparatórias*, *comuns* ou alguma nomenclatura próxima, de acordo com a denominação

de cada instituição. Dialoga, portanto, com outras disciplinas formativas, mas nem sempre associada às *matérias práticas*. As variações referentes aos diálogos — ou dicotomias — entre as *teóricas* e as *práticas* dependem, em boa medida, dos modos de endereçamento dessa questão em cada instituição, como mostram, entre outros, estudos de Heisler e Discena (2005), Sadoff (2014), Fuss (2014), Y. Maia *et al.* (2017), Myers (2022), Gray (2023) ou J. Maia (2023) sobre as estratégias adotadas no ensino de Teoria da Comunicação.

Teoria da Comunicação se apresenta como uma disciplina de contornos relativamente indefinido, como já indicado, entre outros, por França (1994; 2001), Lima (1983; 2001) ou Martino (2012; 2018b): trata-se da única disciplina teórica exclusivamente voltada para os estudos de Comunicação, ao mesmo tempo em que é, de certa maneira, desprovida de um consenso a respeito de qual seria seu *cânone* específico — na medida em que se poderia falar dos “clássicos” da Sociologia ou da Antropologia — e, portanto, comporta uma abertura a uma série de diálogos interdisciplinares. Isso coloca alguns desafios adicionais.

Desse modo, a pessoa que assume a docência da disciplina pode se encontrar diante do desafio de lidar com uma matéria com aportes relativamente pouco nítidos e, ao mesmo tempo, consideravelmente abrangentes em termos de foco. É nesse sentido que se pode entender a Teoria da Comunicação como uma espécie de microcosmos de questões epistemológicas mais amplas da Área, referentes às possibilidades de definição de um objeto específico — o que se estuda em *Teoria da Comunicação*? — e dos aportes teóricos voltados à sua constituição e análise, objetivados na pergunta *Por que esta teoria é ‘da Comunicação’?*

Esses questionamentos, ainda que não sejam diretamente tematizados em sala de aula, são levados para lá na medida em que presidem não apenas a constituição programática do que será ensinado, mas também se referem aos processos de institucionalização de saberes associados a determinadas práticas discursivas — dito de outra maneira, a constituição, reconstituição e prosseguimento de um discurso teórico sobre Comunicação objetivado no espaço da sala de aula em cada classe lecionada.

O estabelecimento das linhas de continuidade de um campo do saber, nesse sentido, está ligado à capacidade de um campo de formar novos participantes, seja atraindo-os a partir de seu prestígio específico na hierarquia relativa dos campos, seja mostrando suas especificidades e dinâmicas. Nas dinâmicas do campo acadêmico, isso se objetiva no estabelecimento de cursos universitários voltados para um determinado tema, garantindo, dessa maneira, a legitimidade, de fato e de direito, desse saber.

No entanto, nenhuma dessas origens, necessariamente, é uma preparação para a docência: a formação *strictu sensu* forma pesquisadoras e pesquisadores, não professoras e professores, na mesma medida em que a experiência de mercado pode formar profissionais, mas não necessariamente contribui como experiência docente, como já apontado Vocate (1997) décadas atrás. Em acréscimo, seria possível indicar que a própria exigência de titulação para lecionar



no ensino superior data do início dos anos 2000, reforçando os questionamentos possíveis nessa direção.

### 3. AS CONDIÇÕES DE INGRESSO E A ADERÊNCIA À DISCIPLINA

No modelo universitário brasileiro, a atividade docente é, em geral, a porta de entrada para uma carreira acadêmica. Embora fundamentado no tripé *ensino, pesquisa e extensão*, é possível notar a predominância do primeiro elemento na medida em que a carreira de pesquisador ou pesquisadora, de maneira independente, não costuma ser contemplada na universidade. Em alguma medida, a prática mais comum é da professora ou professor que pesquisa, não necessariamente da pesquisadora ou pesquisador que encontra na docência o prolongamento de suas atividades de investigação — e o aspecto da extensão, por sua complexidade, demandaria textos específicos para ser trabalhado.

Esse cenário parece estar ligado, inicialmente, a um aspecto institucional e profissional.

A trajetória principal de ingresso na carreira universitária tende a ser a docência. Um modelo consagrado nesse cenário parece ser o do horista, isto é, um contrato voltado exclusivamente para a atividade docente, com horas-atividade contempladas para o preparo de aulas, mas sem um regime de dedicação parcial ou total à pesquisa. Nas instituições particulares, que compõe a maior parte do sistema universitário, esse regime se apresenta como o mais comum, em contraste com as universidades públicas nas quais a pessoa aprovada em concurso tem dedicação exclusiva contemplando atividades docentes e de pesquisa — sem mencionar, em cada um dos casos, eventuais práticas de gestão e organização.

Nesse cenário, o início da docência em Teoria da Comunicação seria motivado por uma questão de participação em concursos ou processos seletivos voltados exclusivamente para ela. Algumas das pessoas respondentes, de fato, iniciaram diretamente nessa disciplina:

Iniciei a prática docente na disciplina de Teorias da Comunicação em minha primeira experiência de trabalho como professora, em 2009. Minha preparação para essa atividade se deu quando eu estava no doutorado, pois fui bolsista da Capes e os bolsistas devem realizar estágio docente (Emma, entrevistada 01).

Após concurso específico para Teorias da Comunicação, comecei a lecionar nessa disciplina, em 2007. Eu tenho formação em Letras/Alemão, dos anos 1990, onde encontrei amparo em ensino e didática e isso ajudou bastante (ainda ajuda) (Mariana, entrevistada 11).

Via concurso público. A preparação prévia se deu por conta própria (Hamilton, entrevistado 19).

Apenas quatro das trinta e sete pessoas respondentes começaram suas atividades docentes em Teoria da Comunicação. Nota-se, nos três casos, que se tratou de uma oportunidade específica para lecionar essa disciplina como parte de um processo seletivo, não havendo, em nenhum dos casos, algum tipo de preparação ou formação para tal. Uma resposta particularmente representativa disso é a da pessoa entrevistada 24:

Em 1994, fiz concurso para a área de Teorias da Comunicação. Não tinha nem especialização naquela época (Catarine, entrevistada 24).

Seria possível questionar, inicialmente, algumas das razões dessa ausência de formação específica. Em primeiro lugar, a própria noção de *formação específica* pode ser colocada em questão, na medida em que não seja possível imaginar o que isso constituiria em termos práticos, exceto em termos de cursos ou oficinas pedagógicas. Seria, então, o caso de formular uma discussão dos fundamentos epistemológicos da Área? O aspecto panorâmico geralmente assumido pela disciplina? Uma formação didática para lecionar disciplinas teóricas? Questões dessa natureza são formuladas na medida em que podem afetar diretamente a prática de sala de aula no que tange ao escopo e limites dessa disciplina.

Entende-se, em termos institucionais, que isso se ligaria à expectativa de aderência da pessoa docente ao tema lecionado — dessa maneira, as pesquisas realizadas pelo indivíduo, bem como sua trajetória de escolhas temáticas ao longo de sua formação em pós-graduação *strictu sensu* seriam condições não apenas de legitimidade acadêmica para a prática da docência de teoria, mas também sua possibilidade epistemológica de objetivação em sala de aula.

Esses elementos parecem se objetivar, em particular, quando aspectos relativamente arbitrários — ou, seu oposto complementar, o acaso — estão ligados ao início da docência de Teoria da Comunicação. Embora alguns concursos públicos e processos seletivos em universidades particulares assinalem a busca por docentes dessa disciplina, a atribuição das matérias pode variar ao longo dos semestres. Assim, uma docente contratada para lecionar Teoria da Comunicação pode ser alocada, em períodos letivos subsequentes, para ministrar alguma disciplina afim de acordo não apenas com as especificidades de sua formação, mas também conforme questões universitárias do momento.

Algumas das pessoas respondentes indicaram que a ausência de preparação para lecionar a disciplina estava relacionada ao fato dessa atribuição ter ocorrido de maneira inesperada, por demanda institucional direta ou por alguma situação que gerou arranjos inesperados, tendo como resultado o ingresso na docência de Teoria da Comunicação:

Comecei a lecionar quando um coordenador da faculdade que eu dava aula me pediu pra lecionar. Não houve preparação prévia por parte da faculdade, nem aula de didática. A coordenação compartilhou comigo a bibliografia de teorias (Mauro Wolf, De Fleur e Mattelart) e eu me preparei por conta própria estudando a bibliografia (Jane, entrevistada 37).



Não, sou professor substituto e, por assim dizer, a disciplina “caiu no meu colo” (Max, entrevistado 29).

As disciplinas me foram determinadas, não tive oportunidade de escolher. Houve uma conversa com a coordenação para falar, de modo geral, sobre as 4 disciplinas que recebi para ministrar. Nenhuma em específico. Mas recebi ajuda de uma colega, que tinha ministrado essa disciplina antes de mim (Maria, entrevistada 25).

Observe-se, nesta última resposta, o recurso às redes de solidariedade no sentido de conseguir alguma preparação para lecionar Teoria da Comunicação. Enquanto disciplina institucionalizada e, portanto, dotada de uma história — não só como parte do saber comunicacional, mas também dentro dos espaços universitários, Teoria da Comunicação não deixa de dialogar com um passado, entendido aqui como o capital simbólico acumulado ao longo de décadas de sua presença no ambiente acadêmico, com o qual a pessoa docente recém-chegada precisa dialogar.

É nesse ponto que parece emergir novamente a problemática da especificidade da disciplina: o que seria uma preparação para a parte *teórica* da comunicação? De maneira geral, a elaboração de pesquisas monográficas, da Iniciação Científica ao Pós-Doutorado, contempla um conjunto relativamente organizado de referências a partir das quais se trabalha o *referencial teórico* da pesquisa e não uma abordagem panorâmica como aquela que caracteriza a disciplina *Teoria da Comunicação*. Nesse sentido, aos olhos de um crítico apressado, a pessoa estaria apta a lecionar as *teorias* com as quais trabalhou em sua trajetória, mas não necessariamente todo um conjunto de conceitos, sem necessariamente contemplar os vários caminhos da disciplina, apontados, entre outros, por L. C. Martino (2007) ou L. M. Martino (2011; 2012; 2018a).

As respostas parecem sugerir a existência de uma certa perspectiva de equivalência entre o estudo de um determinado referencial teórico e a possibilidade de lecionar Teoria da Comunicação — uma correlação, vale indicar que também não pode ser deixada de lado em termos de se pensar as possibilidades abertas pela formação na Área. Algumas das respostas do questionário sugerem essa ligação entre o estudo de um referencial e a atribuição docente:

Fui estudante de pós-graduação, estudei teoria nesse ambiente (Mariane, entrevistada 8).

Sim, a preparação prévia do ponto de vista do conhecimento das Teorias da Comunicação se deu durante a realização à pesquisa de mestrado e, sobretudo, de doutorado, essa última abordou a questão da formação teórica do Comunicador Social no contexto da Universidade [Nome], um estudo de caso sobre o ensino de Comunicação na [Nome da instituição]. Já do ponto de vista da didática, fui aprendendo ao longo dos anos de experiência (Fernando, entrevistado 10).

A preparação foram as disciplinas análogas do mestrado em comunicação (Alex, entrevistado 14).

Há, no entanto, algumas filigranas que talvez possam ser igualmente observadas a partir das respostas.

No folclore das salas de aula e corredores universitários, espaços assistemáticos, mas não menos representativos das tomadas de decisões acadêmicas, não é raro escutar que a pessoa alocada para o ensino de Teorias da Comunicação pautou o curso majoritariamente por esta ou aquela teoria (muitas vezes seu referencial teórico de pesquisa) em detrimento das outras. Evidentemente não se pode tomar esse tipo de relato como predominante, mas como sintoma da área a partir do qual se podem endereçar questionamentos mais bem elaborados. A opção por trabalhar com a disciplina, nesse sentido, parece levar em conta também perspectivas pessoais e o lugar específico da matéria no espaço universitário. Isso conduz ao próximo item.

#### 4. O VALOR SIMBÓLICO E O LUGAR DA DISCIPLINA NO ENSINO

Ao mesmo tempo, vale salientar que o ingresso na docência dessa disciplina está ligado também às possibilidades de adequação aos outros componentes curriculares, bem como à cultura pedagógica de cada instituição de ensino responsável pela caracterização do que Hyland (2012) caracteriza como a *identidade disciplinária*, construída nas intersecções do sujeito docente e pesquisador com o espaço de pesquisa universitária onde se situa. Uma das respostas parece contemplar mais proximamente esse aspecto, sugerindo um elevado grau de indefinição epistemológica enraizado na perspectiva institucional que presidiu, em um determinado momento, o lugar no qual a pessoa ensinava:

Minha primeira experiência docente na disciplina de Teoria da Comunicação foi realizada em uma universidade particular, em um curso cujo projeto pedagógico não correspondia à realidade dos estudantes. Na época, início do século XXI, a moda era criar nomes de fantasia para as disciplinas, na crença de que isso era suficiente para garantir a interdisciplinaridade. (Atualmente vejo que se trata de uma leitura deslumbrada e apressada de Edgar Morin). Em vez de “Teoria da Comunicação”, usava-se o nome “Fundamentos Científicos da Comunicação”. Incentivado por um discurso que confundia liberdade com displicência, a ementa não era cumprida. Em vez de discutir as escolas teóricas, as aulas exploravam noções questionáveis de comunicação corporal e promoviam debates sobre as mídias a partir do senso comum. Não houve nenhuma preparação didática prévia. As avaliações eram arbitrárias, pois não havia um objetivo claro sobre competências e habilidades necessárias. Na prática, não se realizava qualquer formação científica. Nem os estudantes nem os professores sabiam exatamente de que modo aqueles conteúdos poderiam ser úteis (Elizabeth, entrevistada 08).

A resposta da colega, por seu teor, demanda uma pausa na reflexão para sua elaboração.

Destacam-se, inicialmente, as condições institucionais de ensino, aspecto nem sempre presente quando se observa as questões de Teoria da Comunicação

de um ponto de vista epistemológico, mas igualmente relevante quando se recorda que os discursos, inclusive os teóricos, não escapam às suas condições sociais de produção. Dessa maneira, lecionar a matéria requer, em primeiro lugar, um entendimento das atribuições dessa disciplina em relação ao conjunto de saberes de um curso — o aspecto interdisciplinar mencionado pela colega é representativo dessa necessidade de situar a disciplina.

Ao começar a lecionar a matéria, com outro nome, a colega observa uma considerável dispersão temática que, paradoxalmente, não se apresenta como uma forma de constituição de diálogos interdisciplinares, mas como um limitador das discussões a serem feitas em aula e às questões pedagógicas endereçadas no conjunto. Não deixa de ser sintomático que o resultado dessa indefinição disciplinar seja a incompreensão dos objetivos da disciplina, conforme indicado pela respondente.

Evocando novamente um olhar crítico apressado, seria possível perguntar o que leva uma disciplina a enfrentar uma crise de identidade de mais de cinquenta anos, uma vez que pontos similares eram assinalados, em outros momentos, por Noetti (1972) ou Epstein (1982). Ao mesmo tempo, é possível igualmente perguntar em que medida o enfrentamento dos problemas relativos a essa matéria não deve ser tanto mais incisivo quanto se observa que não se trata de um fenômeno isolado em Teoria da Comunicação, mas se refletem, de tempos em tempos, em questionamentos da própria área (Bonin, 2005; Santos, 2005; Temer, 2007).

Esses pontos parecem se revestir de especial importância quando se pensa que o movimento institucional rumo à docência de Teoria da Comunicação, tal como se encontra em algumas das respostas obtidas no questionário, sugerem a existência de componentes relacionados aos aspectos do acaso, às vezes beirando o aleatório, presentes na distribuição das atribuições de uma disciplina no começo do semestre. Há todo um conjunto de dinâmicas acadêmicas, passando por redes de colaboração, mas também por efeitos de campo, que podem estar relacionados à maneira como disciplinas são distribuídas entre docentes. Conquanto se possa estar ciente desses aspectos, o foco aqui — o início da docência em Teoria da Comunicação — parece apontar para aspectos específicos dessas práticas universitárias.

Um deles seria o valor simbólico atribuído à Teoria da Comunicação no âmbito dos cursos da área. A partir das respostas é possível trabalhar alguns aspectos. Teoria da Comunicação parece ocupar um espaço ambíguo, espécie de território em construção, entre dois conceitos, com um valor variável de acordo com as condições de sua avaliação.

De um lado, a disciplina seria dotada de um alto valor simbólico decorrente de se tratar de uma *matéria teórica* por excelência e, portanto, restrita às pessoas com as credenciais acadêmicas mais altas, detentoras de um elevado capital acadêmico que as tornaria aptas a lidar no campo da teoria.

Trabalho em uma universidade privada e, quando comecei a trabalhar nela, por ser um dos poucos professores da área com doutorado, fui destinado às disciplinas

teóricas. Já fiz cursos e formações em docência para ensino superior. Em geral, apenas professores doutores ficam com essas disciplinas aqui na universidade (Carlos, entrevistado 09).

Comecei a lecionar a disciplina ao tomar posse, em 2015. A preparação obtida ocorreu não na disciplina específica, mas no estágio docente realizado no mestrado e doutorado para outras disciplinas (Gabriel, entrevistado 22).

Em minha trajetória de formação acadêmica, desde cedo, senti a necessidade de aprofundar as discussões teóricas sobre comunicação. Porém, só no doutoramento, tive a possibilidade de propor uma investigação que valorizasse fundamentalmente a discussão teórica do campo. Comecei a lecionar Teoria (e Metodologia) no meu último ano de doutorado, como horista na Universidade de [Nome] (George, entrevistado 17).

Por outro lado, exatamente por se tratar de uma *matéria teórica*, ela estaria entre as menos prestigiadas perante o corpo discente, que busca uma formação universitária progressivamente interessado na *prática* como ponto de partida para um mercado profissional pragmático e, em alguma medida, avesso à *teoria* — como assinalado em outro momento por Martino (2020), peças publicitárias de universidades enfatizando a *prática desde o primeiro semestre* ou *aqui você aprende na prática* seriam representativas desse discurso. A resposta de uma das professoras ao questionário traz essa tematização, indicativa também das expectativas que uma pessoa pode ter ao iniciar na docência da disciplina:

Ainda existe um estigma de que aulas teóricas são o oposto das componentes práticas e os estudantes vêm para a universidade presos muito à dicotomia teoria x prática, sem falar que são também reforçados esses estigmas por docentes de campos cujos componentes são mais experimentais (Lídia, entrevistada 11).

Em que pese esse aspecto, três das pessoas respondentes assinalaram ter buscado a docência de Teoria da Comunicação voluntariamente, por interesse de pesquisa nessa área. Nos casos, o ingresso se deu pela vontade de lecionar essa matéria a partir de experiências prévias no ensino superior conjugado com a oportunidade de assumir essa disciplina.

Há, nesse ponto, um aspecto ainda a ser tratado: as pessoas que, na resposta ao questionário, assinalaram terem tido algum tipo de preparação para o ensino de Teoria da Comunicação. Deve-se assinalar que o conceito de *preparação*, nesse caso, parece variar entre uma formação específica em termos da própria disciplina e a ideia de uma formação em pedagogia e didática. A demanda, no entanto, não deixa de ser assinalada pelos próprios participantes da pesquisa, mesmo quando se trata de uma busca voluntária por lecionar essa matéria:

Eu comecei a lecionar em cursos de comunicação em uma disciplina técnica, mas, desde a graduação, tinha interesse por Teorias da Comunicação. Depois, de anos já lecionando, abriu a vaga de Teorias da Comunicação, mas não passei por uma preparação na área de ensino ou didática. Agora, olhando para trás, percebo a falta que faz uma disciplina voltada à didática. Em áreas que não são

licenciaturas, ignora-se saberes da didática. No entanto, nos programas de pós, que são formações para lecionar em ensino superior, poderia ser regra ensinar a ensinar (Sérgio, entrevistado 30).

É possível retomar aqui a discussão do primeiro item sobre as condições de delimitação das fronteiras simbólicas de um campo de estudos e questionar em que medida a indicação da questão como um problema pedagógico — embora, ressalte-se novamente, exista essa dimensão — não pode deixar de lado algumas das demandas pelo enfrentamento de problemáticas epistemológicas da Comunicação que se manifestam no ensino de Teoria da Comunicação.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise das 37 respostas dadas ao questionário sugere a possibilidade de formular algumas linhas de argumentação, sem pretensão conclusiva ou de generalização, referentes ao início da docência em Teoria da Comunicação.

Desde o início da análise, nota-se que a maior parte dos respondentes (34) indica ter assumido a disciplina ou por acaso ou determinação institucional, com apenas três indicando manifestação da vontade nesse sentido, o que leva a um questionamento — para discussões futuras — sobre essa ausência. A disciplina, como definida por uma das pessoas já citadas, “caiu no colo”, sem que houvesse algum tipo de preparação ou direcionamento prévio em termos da aderência ou afinidade de pesquisa.

No mesmo sentido, observa-se que a ideia de *preparação* para lecionar essa matéria está associada, quando é o caso, a pesquisas de Mestrado ou Doutorado, mas não necessariamente no âmbito da Teoria da Comunicação, indicando que a ideia de formação se pauta pelo domínio de um campo teórico específico.

As questões ligadas ao ensino de Comunicação parecem ocupar um espaço já consolidado diacronicamente na literatura sobre o tema, sugerindo uma preocupação constante — e justificada — com as condições de formação acadêmica de futuras e futuros profissionais, bem como de pesquisadoras e pesquisadores, ao mesmo tempo em que se trabalha no sentido de consolidação das fronteiras simbólicas da Área. Longe de encerrar qualquer discussão, entende-se que estes resultados podem propor novas questões de pesquisa relacionadas às condições de ensino — um ponto a relacionar com os cenários profissionais e acadêmicos com os quais a Teoria da Comunicação, como disciplina e área do saber, dialoga.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Sherry Mary Joan. Problematizações sobre pesquisa e ensino de teoria literária no Brasil. **Revista Gelne**, Natal, RN, v. 18, n. 2, p. 168-183, 2016. DOI: 10.21680/1517-7874.2016v18n2ID11210. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/11210>. Acesso em: 11 jan. 2025.

BACHELARD, Gaston. **O racionalismo aplicado**. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale. Disciplinas teóricas: de entulho de currículo a campo de desejo e autopoiese. 26º INTERCOM. **Anais** [...] Belo Horizonte: UFMG, 2 a 6 set. 2003.

BARREIRA, Irllys Alencar Firmo. O ofício de ensinar para iniciantes. **Revista de Ciências Sociais**, Fortaleza, v. 45, n. 1, p. 63-85, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/17951>. Acesso em: 11 jan. 2025.

BARROS, José Costa D'Assunção. **A construção da teoria nas ciências humanas**. Petrópolis: Vozes, 2018.

BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BAUMAN, Isabelle. Bagging a theory: A random sorting activity for teaching theorizing. **Communication Teacher**, v. 37, n. 3, p. 194–197, 2023. Disponível em: <https://encurtador.com.br/4oK3L>. Acesso em: 11 jan. 2025.

BONIN, Jiani Adriana. Elementos para pensar a formação e o ensino em teorias da comunicação. **Conexão**, v. 4, n. 8, p. 61–68, 2005.

BOURDIEU, Pierre. **Por uma sociologia da ciência**. Lisboa: Ed. 70, 2017.

CAVALCANTI, Erinaldo Vicente. Onde está o ensino nas disciplinas de teoria da história ensinadas no Brasil? **História da Historiografia**, Ouro Preto, v. 14, n. 36, p. 133-166, 2021. DOI: 10.15848/hh.v14i36.1659. Disponível em: <https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/1659>. Acesso em: 11 jan. 2025.

COSTA, Rosa Maria Costa Della. O ensino de Teoria da Comunicação nos cursos de graduação em Comunicação Social. 26º INTERCOM. **Anais** [...] Belo Horizonte: UFMG, 2 a 6 de setembro de 2003.

DAU, Mayara Regina Pereira. Ensino de literatura e teoria literária: amores difíceis. **Trama**, v. 11, n. 23, p. 88-110, 2015. DOI: 10.48075/rt.v11i23.9941. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/trama/article/view/9941>. Acesso em: 11 jan. 2025.

EPSTEIN, Isaac. Um impasse curricular: teoria da Comunicação. In: MELO, José Marques de. **Ensino de Comunicação no Brasil**. São Paulo: Eca/Usp, 1987. p. 94-113.

FELINTO, Erick. Da teoria da comunicação às teorias da mídia: ou, temperando a epistemologia com uma dose de cibercultura. **Revista Eco-Pós**, v. 14, n. 1, p. 233-249, 2012. DOI: 10.29146/eco-pos.v14i1.920.

FLÔR, Cristhiane Cunha.; CASSIANI, Suzani. Qual química ensinar? Reflexões a respeito da educação química. **Revista Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 24, n. 1, p. 366–381, 2016. DOI: 10.17058/rea.v24i1.3873. Disponível em:



<https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/view/3873>. Acesso em: 11 jan. 2025.

FRANÇA, Vera Regina Veiga. Teoria(s) da comunicação: busca de identidade e caminhos. **Revista da Escola de Biblioteconomia UFMG**, Belo Horizonte, v. 23, n. 2, p. 138-152, 1994. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/reb/article/view/38276>. Acesso em: 26 nov. 2025.

FRANÇA, Vera Regina Veiga. Paradigmas da Comunicação: conhecer o quê? *In*: MOTTA, Luiz Gonzaga; FRANÇA, Vera Regina; WEBER, Maria Helena. (org.). **Estratégias e culturas da comunicação**. Brasília: UnB, 2001. p. 6-19.

FUSS, Diana. Accounting for theory in the undergraduate classroom. *In*: SADOFF, Dianne; CAIN, William E. **Teaching contemporary theory to undergraduates**. The Modern Language Association of America: Nova Iorque, 2014. p. 15-30.

GRAY, Jennifer B. Flee boring explanations of theory. **Communication Teacher**, v. 37, n. 4, p. 266-271, 2023. DOI: 10.1080/17404622.2023.2242916. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/17404622.2023.2242916>. Acesso em: 11 jan. 2025.

HEISLER, Jennifer; DISCENA, Thomas. Teaching meta theoretical beliefs in Communication Theory. **Communication Teacher**, v. 19, n. 2, p. 44-47, 2005.

HICKSON, Mark; STAKS, Don. teaching the introductory communication theory course to undergraduates. **Communication Quarterly**, v. 41, n. 3, p. 261-26. DOI: 10.1080/01463379309369887.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir**. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

HYLAND, Ken. **Disciplinary identities: individuality and community in academic discourse**. Cambridge: CUP, 2012.

LIMA, Venício. **Mídia: teoria e política**. São Paulo: Perseu Abramo, 2001.

LIMA, Venício. Repensando as Teorias da Comunicação. *In*: MELO, José Marques de. (org.) **Teoria e Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Intercom/Cortez, 1983. p. 85-99.

LINS DA SILVA, Carlos Eduardo. Teoria da comunicação. *In*: MELO, José Marques de; FADUL, Anamaria; LINS DA SILVA, Carlos Eduardo. (org.). **Ideologia e poder no ensino de comunicação**. São Paulo: Cortez e Moraes/Intercom, 1979. p. 191-210.

MAIA, João M. E. Ensinando a partir do sul. **Revista Brasileira de Sociologia**, v. 11, n. 27, p. 5-22, 2023. DOI: 10.20336/rbs.916. Disponível em: <https://rbs.sbsociologia.com.br/index.php/rbs/article/view/916>. Acesso em: 11 jan. 2025.

MAIA, Yasminne Alcântara da Silva; SANTOS, Liliane Bentes dos; SOUSA, Letícia Melo de; HIDALGOS, Eduardo Moraes; OLIVEIRA, Lucas da Silva; BADARÓ, Hugo Bueno; SOUZA, Amarinildo Osório de. Inovações para o ensino de teorias da comunicação. INTERCOM NORTE, 16, Manaus: **Anais** [...], Universidade Federal do Amazonas, 24 a 26 maio 2017.

MARTINS, Fernanda C. A.; SILVA, Marcela G. Caderno didático digital: uma estratégia para o ensino de Teorias da Comunicação. SEMINÁRIO DE PESQUISA, ENSINO E EXTENSÃO, 17. Unisc: **Anais** [...] Santa Cruz do Sul, 2012.

MARTINO, Luís Mauro Sá. A disciplina interdisciplinar: ambivalências epistemológicas no ensino de Teoria(s) da Comunicação. **Logos**, v. 19, n. 1, p. 17-28, 2012. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/logos/article/view/4519>. Acesso em: 20 jun. 2025.

MARTINO, Luís Mauro Sá. Esboço de um panorama das teorias da comunicação no Brasil: uma aula inaugural. **Libero**, v. 21, n. 42, p. 95-110, 2018a. Disponível em: <https://seer.casperlibero.edu.br/index.php/libero/article/viewFile/998/923>. Acesso em: 20 jun. 2025.

MARTINO, Luís Mauro Sá. Genealogia dos Conceitos na Teoria da Comunicação: esboço de um panorama. **Revista Alaic**, v. 15, n. 1, p. 24-35, 2018b. Disponível em: <https://revista.pubalaic.org/index.php/alaic/article/view/468>. Acesso em: 20 jun. 2025.

MARTINO, Luís Mauro Sá. O que foi teoria da comunicação? Um estudo da bibliografia entre 1967-1986. **Revista Comunicação Midiática**, v. 6, n. 1, p. 28-39, 2011. Disponível em: <https://www2.faac.unesp.br/comunicacaomidiatica/index.php/CM/article/view/344>. Acesso em: 20 jun. 2025.

MARTINO, Luiz Claudio. (org.) **Teorias da Comunicação**: muitas ou poucas? Cotia: Ateliê, 2007.

MYERS, Scott. Learning by doing: student development and evaluation of communication theory. **Communication Teacher**, v. 36, n. 2, p. 153-159, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/17404622.2021.1937667>. Acesso em: 11 jan. 2025.

NOETTI, Clarencio. Escolas de Comunicação e Profissionalização. **Revista de Cultura Vozes**, v. 66, n. 8, p. 23-28, 1972.

OLIVEIRA, Márcio. O ensino da teoria sociológica em alguns cursos de Ciências Sociais de universidades públicas brasileiras. **Política & Sociedade**, Florianópolis, v. 14, n. 31, p. 87-113, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/2175-7984.2015v14n31p87>. Acesso em: 11 jan. 2025.

PIGNATARI, Décio. **Contracomunicação**. São Paulo: Perspectiva, 1971.

REIS, Manuela. Entre textos e contextos: o ensino de teorias sociológicas. **Sociologia**: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, v. 44, n. 1, p. 11-27, 2015. Disponível em: <https://ojs.letras.up.pt/index.php/Sociologia/article/view/13015>. Acesso em: 11 jan. 2025.

RUSSI-DUARTE, Pedro. Por que ensinar teorias (da comunicação)? XXXIII INTERCOM. Caxias do Sul: **Anais [...]** Universidade de Caxias do Sul, 6 a 9 set. 2010.

SADOFF, Dianne F. Frameworks, materials, and the teaching of theory. *In*: SADOFF, Dianne; CAIN, William E. **Teaching contemporary theory to undergraduates**. The Modern Language Association of America: Nova Iorque, 2014. p. 103-113.

SANTOS, Tarcyanie Cajueiro. Teorias da Comunicação: caminhos, buscas e intersecções. **Famecos**, v. 12, n. 28, p. 21-44, 2005. DOI: 10.15448/1980-3729.2005.28.3348.

SOUZA, Pedro Mel Bardini; MARTINO, Luís Mauro Sá. O que se pensa sobre o ensino de Teoria da Comunicação? **Revista Cambiassú**, v. 20, n. 35, p. 114-135, 2025. Disponível em <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/cambiassu/article/view/25950>. Acesso em: 28 nov. 2025.

TAVOLARO, Sergio Barreira de Faria. Teoria sociológica e metodologia. **Ideias**, Campinas, Edição Especial, p. 13-37, 2013. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/ideias/article/view/8649411>. Acesso em: 11 jan. 2025

TEMER, Ana Carolina Rocha Pessoa. Teorizar é pensar a prática: uma reflexão sobre o ensino das Teorias da Comunicação nos cursos de Jornalismo. **Revista Brasileira De Ensino De Jornalismo**, v. 1, n. 2. Disponível em: <https://www.rebej.abejor.org.br/index.php/rebej/article/view/96>. Acesso em: 25 nov. 2025.

TRIVINHO, Eugenio. **O mal-estar na teoria**. São Paulo: Quartet, 2001.

VOCATE, Donna. Teaching communication theory in the professional school. **Journalism and Mass Communication Educator**, v. 52, n. 2, p. 4-16, 1997. DOI: 10.1177/107769589705200201. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/107769589705200201>. Acesso em: 11 jan. 2025.